



**Nuno
Severiano
Teixeira**

OPINIÃO

O novo sultão

Se o sonho de Erdogan é o do Império, o modelo é o do sultão e a deriva neo-otomana não pode ser mais clara.

4 de Novembro de 2020, 0:20

CONTEÚDO EXCLUSIVO

Erdogan diz que Macron está mentalmente perturbado. E prescreve-lhe tratamento mental. Isto, porque depois do assassinato do professor Samuel Paty, às mãos de um islamita radical, o Presidente francês anunciou uma estratégia contra o chamado separatismo islâmico. Ora, esta diplomacia do insulto do Presidente turco é o culminar de uma tensão crescente entre a Turquia e a França, que se encontram em campos opostos em conflitos vários: da Líbia ao Nagorno-Karabakh, do Mediterrâneo oriental às antigas colónias francesas do Norte de África. Mas a tensão não é só com a França, é com a União Europeia no seu conjunto. E as relações com os Estados Unidos e, portanto, com a NATO estão, também, mais degradadas que nunca. Porquê? Porque Erdogan está a conduzir a Turquia a uma deriva neo-otomana e precisa, para isso, de mobilizar o Islão contra o Ocidente.

Senão, vejamos. No dia 24 de Julho passado, o Presidente turco, acompanhado de um cortejo de políticos, militares e imãs vindos de toda a Turquia, entrou na Hagia Sophia e, em cerimónia solene, leu *Namaz*, a oração diária dos muçulmanos. A Hagia Sophia é uma antiga catedral bizantina, convertida em mesquita pelo império otomano e que Mustafa Kemal Atatürk, pai da República turca, transformou num monumento, em 1934, e a UNESCO

classificou como património mundial da humanidade. Nem catedral nem mesquita, Hagia Sophia converteu-se no símbolo da tolerância religiosa e da Turquia secular e moderna. E porquê a 24 de Julho? Porque foi, precisamente, esse o dia em que Ataturk assinou, em 1923, o Tratado de Lausanne que pôs termo ao Império otomano e fundou a República turca. Que renunciou ao vasto império que se estendia do Cáucaso à Arábia, do Iraque à Líbia e aceitou as actuais fronteiras da Turquia. E que fundou uma República laica moderna e virada para o Ocidente.



Foi esta a Turquia que durante décadas se transformou num modelo e alimentou o sonho de que era possível um Estado laico num país islâmico e compatível o Islão e a Democracia. Ora, foi esse sonho que Erdogan quis aniquilar com o seu gesto de 24 de Julho. Erdogan sabe bem usar os símbolos e o que fez simbolicamente foi enterrar a República e ressuscitar o Império. E, ao ressuscitar a herança imperial, ressuscitou logo o sultão cuja memória passada melhor serve o seu desígnio presente: Selim I.



Depois do referendo constitucional que lhe expandiu os poderes, fez a sua primeira aparição pública no túmulo de Selim. De então para cá, não poupou nos seus memoriais e, recentemente, deu o nome de Selim à terceira ponte sobre o Bósforo. A identificação não podia ser mais evidente. Selim morreu em 1520, foi o nono sultão otomano e conduziu o Império de pequena potência regional a uma grande potência global. Governou com mão de ferro, acumulou poder e riqueza e controlou o comércio entre Ocidente e Oriente. Perseguiu e aniquilou minorias religiosas, travou muitas guerras e estendeu os confins dos seus territórios. Neste sentido, Selim serve às mil maravilhas para legitimar, retrospectivamente, as políticas de Erdogan.

É este o sentido para as recentes tomadas de posição de Er é esse o desígnio final do novo sultão: "Make Turkey Otomc

Na agenda interna, a domesticação dos militares, a governamentalização da administração pública, a perseguição a juízes e jornalistas, a repressão dos curdos e outras minorias religiosas, incluindo xiitas e cristãos. No fundo, tudo o que possa contrariar o seu poder autocrático e a centralidade do islamismo sunita. Na agenda internacional, a monopolização das reservas de gás natural no Mediterrâneo oriental, as disputas com a Grécia e Chipre, as aventuras militares na Síria, na Líbia ou no Iémen. E, claro, a rivalidade com a Arábia Saudita e o Irão pela preponderância na região.

No cruzamento das duas agendas, a mobilização do Islão contra o Ocidente, à procura de um posicionamento global de

liderança islâmica. Se o sonho é o do Império, o modelo é o do sultão e a deriva neo-otomana não pode ser mais clara: reislamização e autocratização no plano interno, restauração das zonas de influência imperial e liderança islâmica no plano internacional. É esse o sentido para as recentes tomadas de posição de Erdogan e é esse o desígnio final do novo sultão: *Make Turkey Otoman Again*.

Professor catedrático da Universidade Nova de Lisboa; director do Instituto Português de Relações Internacionais

SUBSCREVA A NOSSA NEWSLETTER PÚBLICO HOJE


TODOS OS DIAS

As principais notícias, a melhor opinião e sugestões de boa-vida.

Subscrever

- Tomei conhecimento que as newsletter editoriais poderão conter publicidade. OBRIGATÓRIO

O QUE PRECISA DE SABER
CORONAVÍRUS

 **Receba as nossas notificações** e seja o primeiro a saber.

Descarregue
a nossa app

TÓPICOS

RECEP TAYYIP ERDOGAN | TURQUIA | RELIGIÃO | ISLÃO | EUROPA | MÉDIO ORIENTE | OPINIÃO

 **TORNE-SE PERITO**